



Fórum Brasileiro de Economia Solidária

FÓRUM BRASILEIRO DE ECONOMIA SOLIDÁRIA
Secretaria Executiva

SCS Quadra 2 – Bloco C
Edifício Wady Cecílio II, 3º andar
70.300-500 Brasília – DF
Tel/Fax: (61)3322-3268
E-mail: forum@fbes.org.br



Reunião do GT de Formação em Economia Solidária

08 e 09 de Maio 2006

Relatoria: Sabrina Fadel

Introdução

Reuniu-se em Brasília-DF, nos dias 08 e 09 de maio de 2006 o Grupo de Trabalho de Formação e Educação em Economia Solidária, composto por membros do Fórum Brasileiro de Economia Solidária e da Secretaria Nacional de Economia Solidária, em Brasília-DF.

Este relatório foi estruturado de modo a organizar o ponto de pauta discutido. A primeira seção apresenta o relato de memória da reunião, com as discussões em torno de cada tema abordado; a segunda destina-se a apresentar sucintamente o conjunto de decisões tomadas e os nomes das pessoas que ficaram responsáveis pela concretização de cada uma; e, a terceira, apresenta os documentos produzidos pelo GT durante a reunião.

As decisões, encaminhamento e tarefas aparecem neste formato de texto...

Participantes

Cláudio Araújo Nascimento (SENAES)
Adriana Bezerra Cardoso (CEDAC)
Sabrina Fadel (Sec. Exec. FBES)
Valmor Schiochet (SENAES)
Débora Nunes (UNIFACS)
Rosângela Góes (UPC)
Francisca Rodrigues da Silva (ANTEAG)
Antônio Sena Filho (FASER)
João Luis da Silva (Movimentos Sociais)

Pauta da Reunião

Dia 08/05 (manhã e tarde)

1. Iniciar os trabalhos retomando os 11 pontos de Sugestões e Encaminhamentos que estão na página 29 do documento final da I Oficina Nacional de realizada em 2005.
2. Debater sobre a Política de Formação de Formadores para 2006.
3. Oficinas de Formação Estaduais e Regionais (calendário e orçamento).
4. Seminário Nacional.
5. Eixos Temáticos.
6. Política de Sistematização de Oficinas.
7. Conferência Nacional de Economia Solidária.
8. Campanha Nacional de Economia Solidária (divulgação, uso do material).
9. Definir uma agenda para o GT de Formação.

Dia 09/05

(manhã)

- Informes sobre o Planseq

(tarde)

- Audiência Pública Planseq

A. Relato de Memória

Dia 08 de maio

Cláudio

A idéia é de trabalharmos em torno das questões da formação no dia de hoje, pois amanhã teremos um trabalho em torno do Planseq (Plano Setorial de Qualificação), para articular o pessoal das cadeias e da formação com vistas à Audiência Pública que ocorrerá na parte tarde.

Para hoje podemos partir da cartilha da I Oficina Nacional de Formação, onde, na página 29 tem um ponto sobre Sugestões e Encaminhamentos, onde alguns itens já foram realizados e outros ainda estão pendentes.

A questão central é o programa de formação deste ano: as oficinas regionais e/ou estaduais e o Seminário Nacional. Precisamos montar estas atividades: datas e eixos temáticos.

Outra questão diz respeito a uma série de atividades formativas em outros projetos: como o GT pode participar, se for o caso? Os projetos são:

- Saberes da Terra (MEC,MDA,MTE,MMA.
- Agentes de Desenvolvimento Solidario.
- Rede Gestores.

Estes projetos estão desenvolvendo políticas de sistematização de oficinas, o programa de agentes ainda não avançou neste sentido. Existe a possibilidade de uma oficina de sistematização a ser realizada com vários projetos de outros ministérios. Tem uma movimentação em torno da sistematização de experiências e pensamos em trazer o Oscar Jara para uma segunda oficina por aqui (Jara realizou uma oficina meses atrás).O MMA republicou o livro de Jara: "Sistematização de Experiências Formativas", que vem sendo uma base comum nestas experiências.

Por fim, temos questões sobre a Conferência Nacional e a Campanha Nacional de Economia Solidária. Além da discussão sobre o Planseq, que quero situar o GT antes de amanhã.

Sabrina

Precisamos também montar uma agenda de trabalho para o GT e repensar a composição.

Débora

Como está a composição do GT nos estados? Quantas pessoas temos aqui por região?

Sul: Edinara (SC)

Sudeste: Adriana, João Luís e Lia (RJ); Francisca (SP)

Norte: Sena (RO)

Nordeste: Lenivaldo (PE) e Débora (BA)

Centro-Oeste: Rosângela (MT)

Diante deste quadro sugiro que entre mais pessoas de outras regiões, por exemplo o Ceará no Nordeste, pois tem acúmulos na área de formação em Economia Solidária.

João Luis

Tenho o contato de uma pessoa da Rede Cearense de Sócioeconomia Solidária, do IRT.

Sena

A Amazônia pode ser dividida em Ocidental e Oriental.

Débora

Podemos caminhar no sentido de pensar as pessoas e as verbas.

João Luis

Podemos indicar pessoas para participar do GT que tenham acúmulos, por exemplo, temos a experiência do Talher, da própria Cáritas, do Movimento Fé e Política e tantas outras.

Cláudio

Tem uma série de grupos fazendo formação, temos que trabalhar no sentido de se criar uma rede formadores/as em ES.

Sabrina

Penso que a tarefa do GT neste momento é de se pensar no conteúdo e na metodologia dos Encontros Regionais? Qual é a formação que se quer fazer e para quem? Formação de formadores? Formação para empreendimentos? Essa é uma discussão que está posta para este grupo.

Adriana

Podemos pensar na divisão das regiões com maior número de estados, utilizando até mesmo a divisão que algumas entidades fazem, por exemplo, Nordeste 1 e Nordeste 2.

Podemos construir duas propostas, uma de auto-formação e outra de formação direta. A partir daí, buscamos as parcerias em cada região.

Sena

A idéia é de fazer com o GT um nivelamento de informações ou uma formação para sair replicando nas regionais.

João Luis

Sugiro que se faça duas reuniões em cada região. Uma para pensar a metodologia do encontro com as pessoas que são da região e que tenham acúmulo nesta área, envolvendo-as no processo de construção da oficina (metodologia, animação, etc) e outra para a realização da oficina com os/as participantes.

Cláudio

Na ES, eu não conheço uma atividade que tenha acontecido sem que se tenha tido problemas.

Houve uma oficina nacional com 40 representantes, de 22 estados da federação, indicados pelos Fóruns Estaduais de ES. Descartamos este material para construir uma outra coisa? O que nós queremos discutir? Será que não podemos partir do já temos, verificar os pontos que demos conta de avançar e os que precisamos melhorar? Na página 29 do documento final da oficina já tem algumas sugestões.

Precisamos trabalhar as concepções para a construção de uma política de formação em ES.

João Luis

Para a primeira reunião, podemos chamar as pessoas de cada FEES da região e também as pessoas que participaram da Oficina Nacional.

Adriana

As pessoas que estão na executiva dos FEES não seriam pessoas diferentes, pode ser que sejam as mesmas que vieram para a Oficina Nacional.

Débora

Vamos pensar concretamente como podemos avançar na discussão e fazer os encaminhamentos necessários, pois temos pouco tempo para discutir todos os pontos da pauta.

Rosângela

Será que não podemos aproveitar os espaços das Conferências Estaduais para fazer esta discussão?

Adriana

Penso que não dá, porque as Conferências Estaduais acontecerão de portas abertas, ou seja, irão pessoas com objetivos antagônicos, que nem sabem o que é ES... E, também, as conferências já têm uma pauta de discussão específica e o tempo curto, tem lugar que quer fazer a conferência em apenas meio dia! O que eu acho que não é viável para uma discussão tão importante. O Rio de Janeiro fará a Conferência de portas fechadas, para ver se conseguimos garantir e avançar na discussão.

Cláudio

Como vamos operacionalizar? Como podemos incorporar as pessoas que não participaram da Oficina Nacional? Temos que construir uma proposta pedagógica e política para estas oficinas regionais.

Sena

Podemos informar para os representantes dos FEES que nós teremos estas atividades de formação nos âmbitos regionais e nacional. Cada FEES pode nos informar onde podemos buscar contatos na região.

Adriana

Podemos avançar nesta proposta e caminhar para construir uma estratégia de implementação deste processo, no sentido de envolver os FEES, consultar os estados sobre quais são as demandas locais de formação.

Débora

Elaboramos um questionário para os FEES e damos um prazo.

Francisca

Entendi que, a partir da replicação da Oficina Nacional nos estados, que se levantariam as demandas.

Cláudio

Acho que fizemos um recorte no universo temático: formação de formadores/as.

Outra questão é a metodologia. Temos que trabalhar esta temática nas regiões, pois cada uma delas tem as suas particularidades.

Pensamos, inicialmente, em 60 pessoas por região, para 3 dias de trabalho.

Débora

Tudo deve passar pelos FEES, para que eles também sejam protagonista na construção deste processo.

Faremos este levantamento das demandas de formação através dos questionários.

Eu, e mais quem puder, posso trabalhar na elaboração das perguntas.

Francisca, Adriana e Rosângela também trabalharão nesta elaboração de perguntas até 31 de maio.

Cláudio

Cada FEES deveria ter uma comissão de formação.

Sabrina

Parece que temos uma primeira proposta e podemos seguir o encaminhamento:

1. Adriana e Débora apresentam uma proposta de questionário até o dia 31 de maio.

2. Na primeira semana de junho enviar roteiro para os FEES.
3. Entrar em contato com os FEES reforçando o pedido de resposta:
 - a) Sul, Sudeste e Centro-Oeste: Francisca e Rosângela fazem contato com as regiões;
 - b) Norte e Nordeste: Adriana e João Luis.
4. Prazo para os FEES enviarem os questionários: 10/Julho (para a Secretaria Executiva do FBES – sabrina@fbes.org.br).

As oficinas regionais acontecerão no período de 15/Agosto a 15/Setembro e o Seminário Nacional em Novembro, distribuídos da seguinte forma:

- 2º Quinzena Agosto – Oficinas Regionais do Centro-Oeste, Sul e Sudeste;
- 1º Quinzena Setembro – Oficinas Regionais do Norte e Nordeste;
- 2ª Semana de Novembro - Seminário Nacional.

As próximas reuniões do GT de Formação serão nas seguintes datas:

- 1ª Semana de Agosto – preparação para as Oficinas Regionais;
- Última Semana Outubro – preparação para o Seminário Nacional.

Valmor

Uma estratégia interessante é a construção de um Termo de Referência de Formação para que os enviem seus planos de trabalho, parecido com o Termo de Referência do Programa de Feiras de ES, até porque queremos saber quem assumirá a parte operacional nos estados e/ou regiões. Além das questões referentes ao conteúdo e à metodologia.

Precisamos retomar estas discussões nos estados para trazer mais elementos que não foram incorporados na I Oficina Nacional de Formação. Pois, é do nosso conhecimento que a temática de formação não é prioridade nos FEES.

Eu não sei porque o FBES não apoiou a proposta de se fazer oficinas estaduais de formação e propôs que se fizesse apenas oficinas regionais...

Sabrina

Valmor, acho que há um equívoco na sua fala. Foi um acordo estabelecido entre o FBES e a SENAES de se fazer oficinas regionais, ao invés de estaduais, devido a configuração política deste ano: preparação para a Conferência Nacional, Eleições, e ainda (de quebra) Copa do Mundo.

Débora

Temos, para este ano, e talvez seja essa nossa tarefa, que articular os/as formadores/as.

Adriana

Devemos preparar as oficinas regionais de acordo com as demandas dos estados, pois cada região tem suas particularidades, um “que” a mais. É um importante espaço para troca de experiências.

Valmor

Em relação à Conferência Nacional, quais são as expectativas deste GT? Temos que chegar ao final do ano com clareza do que se quer construir.

No ano passado fizemos a I Oficina Nacional de Formação e tivemos a maior dificuldade de reunir 40 experiências, muitas fichas que chegaram não eram experiências de formação em ES (em suas concepções).

A intenção era de que, a partir dessas experiências, nós tivéssemos um produto, mas não conseguimos alcançar este objetivo. O nosso principal resultado foi um caderno de síntese da Oficina.

Onde a formação é um problema, nós não demos conta de avançar... O objetivo era de estabelecer relações de interação entre essas experiências no território. Uma oficina de formação deveria colocar estes conflitos, discutí-los e visualizar quais são os pontos onde se pode juntar esforços.

Precisamos nos centrar nos acúmulos que já temos, debater sobre a síntese da Oficina Nacional e saber se isso se consolida nacionalmente como uma proposição para a construção de uma política nacional de formação.

A proposta é que nas oficinas regionais se reproduza a discussão feita na Oficina Nacional, a partir do material síntese da Oficina Nacional, e que não seja apenas formação de formadores/as.

A formação formal não apareceu nesta última oficina e temos que procurar inserir esta temática na discussão de formação em ES. Temos que ter mais substância para avançar na próxima Oficina Nacional para avançarmos para a construção de uma política nacional de formação em ES. E a construção dos trabalhos nos estados deve passar por esta discussão.

Infelizmente, temos que simplificar este trabalho devido à atual conjuntura e pelo pouco tempo.

Acho que pode-se até fazer a consulta aos estados, mas ela deve ser no sentido de ampliar o material que já temos e não retomar questões já superadas ou que estejam desconectadas deste processo.

João Luis

Tudo que nós pensamos até agora contribui para o que o Valmor colocou.

Débora

A argumentação que o João fez anteriormente foi política, pois consideramos que seja necessário e fundamental consultarmos os FEES, tanto para fortalecer e envolver as pessoas dos FEES, quanto para que eles se sintam protagonistas nesta construção, até mesmo porque a formação em ES não é prioridade nos FEES.

Rosângela

Estou aqui pensando no que o Valmor disse. Viemos aqui para a oficina de outubro para refletirmos sobre a nossa experiência e a nossa (UPC) principal demanda é referente à educação formal. Então, preciso refletir por que isso não apareceu tão claramente na nossa discussão.

Cláudio

Para mim, estamos indo para um caminho sinuoso e muito difícil. Será que conseguiremos o retorno necessário dos FEES para a realização destas oficinas regionais?

Valmor

Tem uma preocupação política de como se faz a consulta. Para que? Para quem? Como podemos alinhar?

Outra preocupação é em relação à expectativa de como podemos dar continuidade a oficina do ano passado. Fizemos toda uma discussão interna para poder aprovar este projeto.

Débora

A maioria das fichas, inclusive a minha, foram de experiências de formação de base e, a partir delas, avançamos para a formação de formadores/as.

Valmor

Em relação à Conferência Nacional temos duas questões. A primeira é em relação ao conteúdo, ou seja, como a temática de Formação em ES vai aparecer no documento final da Conferência (como uma questão estratégica). E a outra, é que uma Conferência em si já é um processo formativo, neste sentido, que tipo de estratégia este GT pode propor para as Comissões Organizadoras das Conferências Nacional e Estaduais?

Ainda mais uma questão, será que o GT sente que tem possibilidade de apresentar uma proposta e/ou orientações para a Conferência, do ponto de vista metodológico?

O GT de Formação decide escrever uma carta e encaminhá-la para as Comissões Organizadoras das Conferências Nacional e Estadual, que segue ao final deste documento.

Débora

Quero apresentar uma proposta de roteiro para encaminhar aos representantes da Coordenação Nacional do FBES para que seja feita a mobilização nos estados para as oficinas regionais. Acho que temos condições de enviar este roteiro ainda este mês.

A proposta de roteiro que será encaminhada aos FEES, como subsídio para as Oficinas Regionais de Formação, segue ao final deste relatório.

Adriana

Precisamos trabalhar a formação de formadores/as de forma mais dinâmica, integradora e lúdica. Usando vitalizadores, jogos integrativos, de modo que não se perca os objetivos da oficina e que se trabalhe os conteúdos da melhor forma possível, dentro do que acreditamos do que seja a construção de “uma outra educação possível”.

Em Mendes, utilizamos em nossa oficina de formação muitas técnicas do teatro do oprimido, jogo das fichas (mercado), linha da vida/tempo, desconstruímos o conceito de economia vigente e trabalhamos na construção de um outro conceito. Foi bastante interessante e rico este processo.

Cláudio

Eu acho que são as pessoas das regiões é que devem pensar a sua metodologia, que é bem particular de região para região.

Débora

O momento agora é de traçarmos uma diretriz para as oficinas regionais, para que cada região tenha a autonomia para criar a sua oficina com as suas particularidades.

Rosângela

Resgatando a fala do Valmor, precisamos lembrar de que nós não demos conta de aprofundarmos nas fichas de experiências que foram apresentadas na última oficina. Talvez fosse interessante trabalhar a linha do tempo de ES nas regiões.

Adriana

Não seria difícil a indicação de experiências de formação no estado do Rio de Janeiro, mas tem pessoas da executiva que não teriam condições de pensar a metodologia da oficina.

João Luis

Se for levar por aí, retomo a minha proposta de fazer uma reunião antes com as pessoas que organizariam a oficina... Mas, é melhor esperarmos os roteiros chegarem com as respostas dos FEES, depois identificarmos quais são as entidades/assessorias que trabalham com formação em ES na região e depois convidá-las para participar da construção da metodologia.

Rosângela

Temos que sair daqui com o *Plano B* caso os roteiros não chegarem.

Francisca

A temática é a mesma e a diretriz está aqui. A metodologia será de acordo com cada região.

O GT elabora uma proposta de programação para as Oficinas Regionais, que também segue ao final deste documento.

Débora

Das pessoas que estão aqui, vocês acham que é possível a realização das Oficinas Regionais? Vocês garantem a articulação nas suas regiões?

Todas as pessoas do GT de Formação que estavam presentes nesta reunião, se comprometeram de fazer as mobilizações nas suas regiões.

Dia 09 de maio

Informes sobre o Plano Setorial de Qualificação (PlanSeQ)

No dia 09 de maio pela manhã, aconteceu uma reunião ampliada entre os/as integrantes do GT de Formação e representantes de redes e cadeias solidárias de cinco segmentos, a saber: Empresa Recuperada, Algodão Orgânico, Fruticultura, Artesanato e Apicultura. Esta reunião teve como objetivo discutir uma estratégia para a Audiência Pública que se realizaria na parte da tarde.

Os PlanSeQs são parte integrante do Plano Nacional de Qualificação (PNQ), sendo instrumento complementar aos Planos Territoriais de Qualificação (PlanTeQs). A verba destinada ao PlanSeQ é de um milhão de reais e beneficiará quatro mil trabalhadores/as.

Valmor

Após criação da SENAES, um dos desafios a serem enfrentados era a criação de um plano de qualificação para trabalhadores/as da ES.

Em 2003, dando continuidade ao PlanFor (Governo FHC) foi redefinido o PNQ, avaliando as ações anteriores e vendo a possibilidade de continuidade. A nossa proposta foi de avaliar o quanto este plano teria abertura para a ES. Então, foi elaborado um termo de referência (2003-2007) com orientações para elaboração de projetos para os atores sociais e pessoas envolvidas com a ES para o PNQ, através dos PlanTeQs e do Proesq.

AANTEAG e a Rede Abelha desenvolveram projetos através do Proesq.

Em 2005, tentamos fazer um levantamento de quantas pessoas ou grupos do movimento de ES participaram dos PlanTeQs. Trabalhamos no sentido de motivar, sensibilizar e mobilizar os FEES para participarem e se inserirem no PNQ.

O PNQ representou uma mudança de concepção e de princípios da política de qualificação. Porém, apresentam-se dificuldades: uma delas se refere à redução do aporte orçamentário (mais de 200%), devido à avaliação de que os recursos foram mal aplicados ou desviados, o que cria um certo constrangimento. Como a ES vai disputar este recurso?

A sistemática de operação do PNQ é semelhante à do Planfor. Fizemos uma oficina em 2005, para a apresentação das experiências que participaram do PNQ. Também tivemos a incorporação de ações de qualificação em outros Ministérios, que tentaram se articular para executar ações conjuntas através da Secretaria de Políticas Públicas e Emprego (SPPE/MTE), integrados ao PNQ. Os PlanSeQs são resultados deste processo e a intenção é que os recursos não sejam apenas do FAT, mas também de outras fontes.

Este ano, a SENAES assumiu o desafio de apoiar os PlanTeQs, dispendendo recursos para a sua implantação, o que abre mais possibilidades, além dos Conselhos de Trabalho e Emprego. Nós temos uma demanda enorme no campo da ES, são mais de 1.250.000 pessoas que requerem qualificação e esta seria uma das ações de fortalecimento da ES, assim como, recuperar o conceito do PNQ. Dentro desta ótica, precisamos ter uma ação de formação para a ES que seja caracterizada e que não crie conflitos com o PlanTeQ.

Precisamos viabilizar recursos e chegar a um consenso na ES, onde os PlanSeQs sejam complementares aos PlanTeQs. Portanto, é preciso identificar nos PlanTeQs, planos em que a ES dialoga, por exemplo, na área de resíduos sólidos, temos grupos de catadores/as. Também é necessário identificar, no âmbito da ES, elementos estratégicos de organização do movimento, como o conceito de redes e cadeias solidárias. Estamos pensando em PlanSeQs que atendam a estes/as trabalhadores/as articulados/as e identificamos estes segmentos que estão hoje aqui representados (artesanato, empresa recuperada, apicultura, algodão e fruticultura) e que foram definidos nas reuniões do GT de Produção, Comercialização e Consumo.

Na Audiência Pública serão definidos os principais encaminhamentos para o PlanSeQ. A ideia desta reunião agora pela manhã é de ser um espaço de reconhecimento destas redes e da realidade dos empreendimentos. Temos um consenso de que a estratégia de formação de redes e cadeias produtivas solidárias é uma estratégia já pensando no futuro, na constituição de um Plano Nacional de Qualificação para a ES.

Durante a audiência teremos uma perspectiva melhor em relação aos recursos disponíveis. Temos que avançar no sentido de trazer para o âmbito do PNQ a ES como um setor diferenciado de trabalhadores/as.

Cláudio

Uma parte das pessoas aqui são do GT de Formação. Ontem discutimos sobre uma estratégia de formação para este ano, que se resume na realização de cinco oficinas regionais e um seminário nacional de formação. E o objetivo do grupo é de se construir uma rede educadores/as em ES.

Roberto

O Valmor fez um panorama geral. É importante colocar também que os PlanSeQs tem duas características, que são bases de justificativas: uma diz respeito a qualificação sócio-formativa, onde se inserem empreendimentos que exigem qualificação das pessoas em suas atividades (ação emergencial de qualificação); outra se refere a empreendimentos que estão em processo de organização, mas que suas atividades não estão previstas nos PlanTeQs e que precisam ser agregadas aos PlanSeQs. Portanto, o diálogo que nós fizemos foi no sentido de construir um processo onde a ES tivesse participação.

A ES é ampla, nos dados do mapeamento foram identificados mais de 200 segmentos diferentes. A nossa estratégia foi de identificar quais eram os segmentos com maior presença no movimento de ES e quais deles já vinham sendo atendidos por outros ministérios. Desta forma, chegamos aos cinco segmentos citados por Valmor.

Como não temos condições de atender as demandas totalmente, uma estratégia foi a de identificar quais destes segmentos estavam se organizando em redes ou em cadeias que envolvessem vários destes segmentos, como temos o caso da Justa Trama, que congrega vários segmentos: agrícola, têxtil, industrial, confecções, etc. Ainda podemos citar a RENACI na área de metalurgia e fundição; a Rede Abelha Nordeste que tem o objetivo de se expandir nacionalmente. Na área do artesanato e fruticultura era o que tínhamos menos elementos. Identificamos redes de fruticultura no nordeste da Bahia e em Tocantins. Já no segmento do artesanato foi mais difícil. Em 2003-2004, no chamado GT-8, tínhamos representados grupos de redes de artesanato: a Em Rede do RS, a Mão de Minas e a Anteag (setor agroindústrias, artesanato urbano).

Temos certeza de que esta composição não dá conta da demanda, mas é o que hoje conseguimos inserir no PlanSeQ e também tivemos a preocupação de contemplar todas as regiões.

A audiência de hoje tem três objetivos: dar publicidade ao processo, ou seja, ser do conhecimento da opinião pública; apresentar e debater as demandas; proporcionar um momento de concertação entre os atores do PlanSeQ.

É importantes que nós consigamos sair daqui com um proposta de nomes para compor esta comissão de concertação, que terá a responsabilidade de elaborar o PlanSeQ e também terá a missão de identificar uma entidade âncora que para assumir a gestão deste processo.

A abertura da audiência será feita pela Secretaria de Políticas Públicas e Emprego (SPPE), pela SENAES e por um representante do GT de Formação (Francisca). Em seguida, terá a abertura para as falas e debate com a plenária. Também, teremos o processo de escolha e aprovação da comissão de concertação.

Consideramos que esta comissão não deva ser muito grande, pois dificulta o trabalho. O prazo é curto para fazer a elaboração e a aprovação do convênio (até 30 de junho) e a SENAES se colocará como participante desta comissão.

Abertura das falas

Valmor

Podemos deixar para tarde a fala dos representantes das redes. Proponho que a gente trabalhe no esclarecimento de dúvidas e na construção de consensos. Se o consenso for o de que o processo que construímos até aqui é adequado, já temos meio caminho andado.

Sandro (Governo do Paraná)

O nosso secretário do Trabalho e Emprego está sensível à discussão e inserção da ES nas ações da secretaria. No mesmo estágio que estão os PlanTeQs, estão os PlanSeQs.

A construção dos planos de trabalho do PlanTeQ não atende a maioria dos trabalhadores e muito menos a ES, favorece apenas ao sistema "S". A ES não aparece como demanda para o PlanTeQ e para o PlanSeQ.

Valmor

Não pretendemos implantar o PlanSeQ para suprir as falhas do PlanTeQ.

Niro

Quero saudar a iniciativa da SENAES de incluir a temática da ES no PNQ. Infelizmente, é muito questionável a maneira como os recursos vem sendo utilizados, não é apenas cursos e número de matrícula.

O foco nas cadeias produtivas é importante, pois se os empreendimentos não tiverem articulados será difícil o crescimento e a consolidação do movimento de ES. É fundamental a articulação destas redes com a ação da SENAES e de outros ministérios. Pois, o que nós vimos até aqui foram ações isoladas dos ministérios.

Nesse programa, podemos ter instrumentos para construir uma metodologia de formação e qualificação em ES. Precisamos fazer uma sistematização dessas experiências, construir uma rede de formadores em ES, pois temos muitas pessoas que não sabem e não entendem o que é ES.

Roberto

Acho que o resultado da I Oficina Nacional de Formação em ES, promovida pelo FBES e pela SENAES no ano passado, dá subsídios para esta discussão.

Haroldo

Quero reforçar este processo onde o diálogo é mais curto em função do tempo, dentro do que isso pode causar para além da formação. No GTPCCS discutimos esta necessidade de articular mais as redes, em busca de uma identidade, de um conteúdo, de uma qualificação que não é só a técnica, mas que leve a clarear o que é uma rede solidária. O MDA acabou de fazer uma pesquisa e optaram por dez cadeias, a SENAES optou por cinco, considerando aquelas que tenham maior presença de empreendimentos, para que se constitua uma cadeia solidária. A Justa Trama conseguiu que 99% dos pontos da cadeia sejam de empreendimentos de ES, apenas os consumidores que são *sui generis*. Outro desafio que temos é o SIES (Sistema Nacional de Informações em Economia Solidária) e acho que a formação terá papel importante.

Nelsa

No 1º ENESS foi falado da constituição de redes e hoje parece que fica claro aonde temos que concentrar nossas ações. Temos dois conceitos: redes que produzem a mesma coisa e cadeias quando esta produção estapola para outras áreas e produtos. Um outro passo é qualificar os/as trabalhadores/as. É uma corrida e temos o desafio de avançar. Acho que não conseguiremos avançar nos cinco segmentos da mesma forma.

Deonilda (RS)

No nosso estado são muito mais de 9 mil artesão que participam da comunidade solidária e temos uma grande necessidade profissionalizarmos estes/as trabalhadores/as.

A maior parte do setor de artesanato são mulheres.

Edson

Temos que ter um projeto de sistematização destas experiências do PlanSeQ e da formação de formadores/as, oportunizar o desenvolvimento metodológico e também a construção curricular.

Adriana

A fala das pessoas já deram várias direções e encaminhamentos.

Quero falar das Comissões de Trabalho e Emprego. Demos peso nas DRTs e esquecemos das comissões. Temos que atingir essas pessoas dos conselhos em geral. Temos que pensar numa cadeira no CONDEFAT de pessoas que não têm CLT.

De que formador estamos falando? Daqueles que estão nas universidades ou daqueles que estão nos empreendimentos, no chão da fábrica?

É necessário que se faça a formação, mas que se dê condições de aplicá-la. ES não é apenas ação de trabalho e renda, é uma outra proposta de desenvolvimento, de associação. É outra lógica de produção. Se queremos provocar uma mudança, temos que pensar em algo que “catuca”. Esse pessoal tem que aprender a desconstruir a economia e o desenvolvimento para que se construa uma outra proposta, para se repensar o chão da fábrica.

Paulo Palhano

Este é um momento ímpar e histórico, e precisamos fazer dele o nosso momento.

A Rede Abelha participou do Proesq e o Cláudio disse que nós revolucionamos o Proesq. O desafio é fazer destes processos, momentos de crescimento, formação e discussão de estratégias gerais.

Conseguimos fazer um livro temático sobre ES, Comércio Justo, Autogestão e processo de validação, com o objetivo de vincular e articular redes e cadeias solidárias.

Temos que pensar que para uma entidade assumir o processo global (ser guarda-chuva) é complicado. Temos que ter agilidade e otimização dos recursos, este é um desafio. Outra coisa é a prestação de contas, que não é tão simples aqui no MTE, são dimensões a se preocupar. A Rede Abelha está tranquila neste processo, pois temos material e pessoas que entendem deste processo na sua integridade. Temos que pensar em algo estruturante, que dê sentido de integração.

_____ (PE)

Quando o Roberto falou da dificuldade de identificar redes da nossa categoria (artesanato) que abriga mais de nove milhões de pessoas, fiquei um tanto preocupada. Quando se fala de Mão de Minas, fico pensando que a Tânia nem se lembra mais do que falou lá em 1993.

Vemos que perdemos por falta de interesse do governo pela nossa categoria. Quem garante a qualificação do artesão? O nosso “calo” é justamente a qualificação. Quem dá o título do artesão? Já avançamos com o Estatuto do Artesão (Projeto de Lei do Deputado Eduardo Valverde).

Em todos os ministérios tem recursos para o artesanato e não para os artesãos. O artesanato está voltado para um grupo privado. O músico tem o seu cachê garantido quando vai para um show, mas o artesão tem que pagar o seu estande e se não vender os seus produtos, tem que pagar mesmo assim.

Valmor

A estratégia para o desenvolvimento econômico da ES é a articulação em redes e cadeias produtivas.

Não podemos agora nos centrar nos problemas das categorias/segmentos, mas qual será a nossa estratégia e qual será a entidade comum que irá facilitar o trabalho da comissão de concertação.

O desafio: o que dá unidade a esse processo de constituição e fortalecimento dessas redes e cadeias de ES? As realidades das redes e cadeias são diferentes. Temos que retomar os acúmulos e avançar, o que contribui efetivamente para o desenvolvimento das redes e cadeias?

Quero sinalizar a importância de uma ação de formação dos/as trabalhadores/as que estejam inseridos/as em redes ou cadeias.

No processo de concertação e construção deste projeto não dá para inserir ações que não tenham acúmulos, temos que considerar os desafios colocados pelos acúmulos. Temos que pensar numa formação profissional que tenha uma especificidade.

A Comissão de Concertação tem que ter a clareza da realidade dos segmentos e de uma unidade, que a qualificação não seja um conjunto de cursos. Temos que estar ligados a uma estratégia de fortalecimento da ES e ter a capacidade de operar estes recursos públicos. A coordenação do FBES não quis operar estes recursos, que, realmente, são muito difíceis de se operar. Por isso, essa comissão deve ter clareza das possibilidades e limites operacionais, além de capacidade e disposição política para contribuir para o enfrentamento e solução dos problemas. Para o convênio, seria interessante que a entidade proponente tivesse abrangência nacional.

Quero reforçar o que já foi dito até aqui:

1. Estamos construindo com SPPE este PlanSeQ e temos que mostrar a inserção e a importância da ES neste plano.
2. Necessidade de formação profissional e qualificação para o fortalecimento da ES, ou seja, sugerimos que o PlanSeQ se concentre em ações para os cinco segmentos que estão articulados em redes ou cadeias;

3. Precisamos ter um volume de recursos adequados à demanda para podermos favorecer o fortalecimento destas redes e cadeias;
4. É um consenso das entidades que estão aqui apresentadas sobre a necessidade de formação para o fortalecimento da ES;
5. Apresentação de uma proposta de composição para a comissão de concertação, que pode ter a presença de outras pessoas que não estão aqui, além da SENAES e de um representante de cada segmento que está aqui.

Débora

Acho que a comissão de concertação deverá ter clareza dos desafios aqui apresentados, comprometimento com o termo de referência e com o documento final da I Oficina Nacional de Formação em ES. Também já podemos aproveitar para definir quem serão os representantes de cada segmento.

Valmor

Acho que podemos acatar a sugestão da Débora e encaminhar.

A proposta é de uma composição mais enxuta e a SENAES se propõe a dar apoio para esta comissão operar. Deste modo, a proposta fica da seguinte forma (através de consulta aos segmentos):

Empresa Recuperada: RENACI

Algodão: Justa Trama

Apicultura: Rede Abelha

Fruticultura e Artesanato a definir

Entidade Nacional (proponente): UNISOL ou ANTEAG

SENAES

B. Encaminhamentos

- a) *Carta para as Comissões Organizadoras das Conferências Nacional e Regionais:* a Secretaria Executiva do FBES encaminhará esta carta para as comissões, após a aprovação da mesma pelo GT de Formação.
- b) *Roteiro para os FEES, subsídio para as Oficinas Regionais:*
 - b.1. Enviar o roteiro para os FEES até o final do mês de maio, juntamente com a ficha de experiências e o documento final da I Oficina de Formação (Secretaria Executiva);
 - b.2. Entrar em contato com os FEES reforçando o pedido de resposta (Sul, Sudeste e Centro-Oeste: Francisca e Rosângela; Norte e Nordeste: João Luis e Adriana);
 - b.3. Prazo para o envio de resposta até dia 10 de julho (para a Secretaria Executiva do FBES – sabrina@fbes.org.br).
- c) *Cronograma para a realização das Oficinas Regionais:*
 - 2º Quinzena Agosto – Oficinas Regionais do Centro-Oeste, Sul e Sudeste;
 - 1º Quinzena Setembro – Oficinas Regionais do Norte e Nordeste;
 - 2ª Semana de Novembro - Seminário Nacional.
- d) *Agenda para as próximas reuniões do GT de Formação:*
 - 1ª Semana de Agosto – preparação para as Oficinas Regionais;
 - Última Semana Outubro – preparação para o Seminário Nacional.

C. Documentos produzidos pelo GT de Formação

1. Carta para as Comissões Organizadoras das Conferências Nacional e Estaduais

Para a Comissão Organizadora da Conferência Nacional de Economia Solidária e para as Comissões Organizadoras das Conferências Estaduais,

O Grupo de Trabalho de Formação em Economia Solidária deseja destacar a importância da temática da Formação na implementação e consolidação de uma cultura em Economia Solidária. Sendo este tema tão relevante temos a expectativa de que este conste como um dos temas dos documentos finais das Conferências Estaduais e Nacional de Economia Solidária.

Queremos lembrá-los que o Documento Final elaborado na "I Oficina Nacional de Formação/Educação em Economia Solidária" foi disponibilizado na Teia aos Fóruns Estaduais de Economia Solidária em São Paulo e também está no site do FBES, podendo servir como base para esta discussão.

Destacamos também a relevância das Conferências Estaduais e Nacional como tempo/espço privilegiado de Formação em Economia Solidária e, portanto, desejamos que seu conteúdo não seja dissociado da metodologia. Propomos assim que sejam incorporados, sempre que possível, metodologias participativas e criativas (dinâmicas, vivências, etc) na estruturação destas Conferências, de modo a que elas desenvolvam ao máximo seu potencial formador.

Nos colocamos à disposição das Comissões Organizadoras das Conferências para darmos nossa contribuição no que for necessário.

GT de Formação em Economia Solidária,

Adriana Bezerra Cardoso (CEDAC/RJ)
Antônio Sena Filho (FASER/RO)
Cláudio Araújo Nascimento (SENAES)
Débora Nunes (UNIFACS/BA)
Edinara de Andrade (ITCP/SC)
Francisca Rodrigues Silva (ANTEAG/SP)
João Luis da Silva (Movimento Social/RJ)
Lenivaldo Marques da Silva Lima (Empreendimento/PE)
Lia Tiriba (UFF/RJ)
Rosângela C. Góes (UPC/MT)
Valmor Schiochet (SENAES)

2. Oficinas Regionais – Roteiro para os FEES

Prezad@s Companheir@s da Coordenação Nacional do FBES,

O Grupo de Trabalho de Formação/Educação em Economia Solidária está organizando, para o segundo semestre de 2006, Oficinas Regionais de Formação de Formador@s com vistas à discussão de uma Estratégia de Formação em Economia Solidária que será consolidada no Seminário Nacional de Formação que acontecerá no final do ano de 2006.

Os objetivos das Oficinas Regionais são:

- Propiciar troca de experiências de formação em ES no âmbito regional;
- Debater o texto final da I Oficina Nacional de Formação/Educação em ES (em anexo);
- Elaborar uma estratégia de formação em ES;
- Indicar as bases para uma Política Pública de Formação Nacional em ES;
- Incentivar a criação de uma Rede Nacional de Formador@s em ES.

Para tal, contamos com o apoio dos Fóruns Estaduais de ES para a mobilização e levantamento de dados acerca de:

1. Experiências de Formação em Economia Solidária do Estado. Estas experiências deverão preencher uma "Ficha de Experiência de Formação em ES", conforme modelo em anexo, e enviá-las até dia 10 de Julho para: sabrina@fbes.org.br

2. Educadores populares que possam contribuir para a discussão de Formação em Economia Solidária, que sejam indicados pelo FEES e preencham a ficha.
3. Indicações de complementações/ sugestões/ desacordos face ao conteúdo expresso no documento final da I Oficina de Formação/Educação em Economia Solidária:
 - Princípios e Diretrizes da Educação/ Formação em Economia Solidária;
 - Conteúdos a serem trabalhados;
 - Elementos Metodológicos;
 - Sistematização das práticas de Formação.
4. Para os Empreendimentos Econômicos Solidários, quais são as demandas de Formação necessárias para o desenvolvimento da Economia Solidária no Estado.
5. Pesquisas/ publicações/ dissertações/ teses que foram e estão sendo feitas no âmbito acadêmico e/ou por outras instituições em torno da Economia Solidária no Estado.
6. Qual Estado de sua região é o mais indicado, em termos de facilidade de acesso e deslocamento, para a realização desta Oficina Regional.

Cronograma

O cronograma proposto para a realização das Oficinas Regionais e do Seminário Nacional é:

- **10/Julho** – Prazo limite para envio de resposta às perguntas apresentadas neste roteiro para a Secretaria Executiva do FBES (sabrina@fbes.org.br);
- **2º Quinzena Agosto** – Oficinas Regionais do Centro-Oeste, Sul e Sudeste;
- **1º Quinzena Setembro** – Oficinas Regionais do Norte e Nordeste;
- **2ª Semana de Novembro** - Seminário Nacional.

Composição do GT de Formação

Adriana Bezerra Cardoso (CEDAC/RJ)
Antônio Sena Filho (FASER/RO)
Cláudio Araújo Nascimento (SENAES)
Débora Nunes (UNIFACS/BA)
Edinara de Andrade (ITCP/SC)
Francisca Rodrigues Silva (ANTEAG/SP)
João Luis da Silva (Movimento Social/RJ)
Lenivaldo Lima da Silva (Empreendimento/PE)
Lia Tiriba (UFF/RJ)
Rosângela C. Góes (UPC/MT)
Valmor Schiochet (SENAES)

3. Programação da Oficina Regional de Formação

PROGRAMA PARA A OFICINA REGIONAL DE FORMAÇÃO

(Proposta do GT de Formação)

Esta proposta de programação se baseia no documento final da I Oficina Nacional de Formação/Educação em Economia Solidária, que aconteceu em Brasília, em outubro de 2005.

As Oficinas Regionais de Formação estão previstas para o 2º Semestre de 2006, sendo organizadas em três dias de trabalho, para um grupo de 45 a 60 pessoas.

1º Dia

- Dinâmica Integrativa e Lúdica para apresentação e demais atividades, de acordo com as características peculiares de cada região.
- Socialização das Experiências de Formação em ES por tema (para todas as pessoas).

- Aprofundamento em grupo:
 1. Formação de Formador@s
 2. Formação para Empreendimentos

2º Dia

- Grupos temáticos: acúmulos e principais desafios da educação/formação em ES, tendo como eixo transversal o tema de Políticas Públicas.
 - Grupo 1: Princípios para uma formação em ES.
 - Grupo 2: Conteúdos.
 - Grupo 3: Elementos Metodológicos.
 - Grupo 4: Sistematização, avaliação e elaboração de indicadores.

3º Dia

- Elaborar propostas para construção de uma Estratégia Nacional de Formação em ES:
 - Proposta para uma Agenda Nacional de Formação do movimento de ES.
 - Proposta de Política Pública para a construção de um Plano Nacional de Formação em ES.
- Encaminhamentos e Avaliação da Oficina.

Todos os dias (à noite)

- Expor e debater a respeito dos filmes da Campanha Nacional de ES (Cine Clube).
- Exposição de materiais.

Observação Importante

Sugerimos que a Comissão Organizadora de cada região estabeleça subcomissões de trabalho, por exemplo:

- Subcomissão de infraestrutura;
- Subcomissão de relatoria e sistematização;
- Subcomissão de avaliação.